

QUE COISA ENGRAÇADA E TRISTE É A VIDA

Antonio Hohlfeldt*

RESUMO

Ao escrever o prefácio para o romance *Música ao longe*, meu objetivo foi homenagear Erico Veríssimo, situando sua obra no momento histórico, político e literário e assinalando as grandes modificações por que passou a sociedade da época, causadas pela Revolução de 30. Além disso, enfatizo a importância de *Música ao longe* não somente porque o romance assinala um marco na literatura de Erico Veríssimo, mas porque essa foi a temática que serviu de pano de fundo para a saga *O tempo e o vento*.

Palavras-chave: *Música ao longe*; mudanças na sociedade dos anos 30.

ABSTRACT

In writing the preface of *Música ao longe*, it was my intention to honor Erico Veríssimo, trying to situate Erico's work in the very historical, political and literary Brazilian time, pointing out to some of the great modifications of the society caused at the time by the Revolution of the Thirties. I also emphasize the importance of *Música ao longe* not just as a mile stone in Erico's literature, but because it has been the theme and the back stage of the saga novel *O tempo e o vento*.

Keywords: *Música ao longe*; changes in the society of the 30th.

Um prefácio, não sendo um ensaio, não deve ser tópico, isto é, fechar-se num único aspecto, ainda que essencial, de uma determinada obra. Assim, o texto que o leitor tem a seguir, e que lhe poderá servir como sugestões de

* Doutor em Letras, ex-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS.

Este texto foi produzido para o prefácio do romance *Música ao longe*, de Erico Veríssimo.

interpretação, é abrangente, variado, levantando questões múltiplas que surgem a partir de uma leitura que se quer atenta e crítica.

Música ao longe é o segundo romance de Erico Veríssimo, seu terceiro livro, antecedido pelos contos de *Fantoches* (1932), e a narrativa de *Clarissa* (1933). É a personagem desse primeiro romance que aqui reaparece, agora não mais na pensão de "tia" Eufrasina, em Porto Alegre, mas de volta a sua cidade natal de Jacarecanga. Clarissa está descobrindo a vida e, ao mesmo tempo, foi transformada em guia de outros descobridores, as crianças da escolinha em que ela se encontra como professora.

Para podermos bem compreender a contextualização em que deve ser colocada essa obra, deve-se ter em mente alguns acontecimentos literários e históricos. Em 1934, enquanto Erico Veríssimo está escrevendo *Música ao longe*, outro escritor sul-rio-grandense era revelado: Cyro Martins, que vinha de editar os contos de "Campo fora", de tradição regionalista, mas fortemente marcados por uma perspectiva crítica do empobrecimento da campanha do Rio Grande e o surgimento de enormes massas de miseráveis, que constituiriam o que, mais tarde, ele denominaria "gaúchos a pé" e que viriam a ser, a partir da década de 70, os primeiros colonos sem terra do país.

Em 1935, quando é publicado *Música ao longe*, outro escritor sul-rio-grandense publica um romance que também se passa em Porto Alegre, à semelhança daquele "Clarissa": é Dyonélio Machado, autor de "Os ratos", no qual se narra a epopéia de 24 horas de um funcionário público, correndo pelas ruas do centro da cidade, em busca de um dinheiro com que pagar a conta do leiteiro.

Música ao longe e *Os ratos* concorrem e são vencedores, naquele mesmo ano de 1935, do Prêmio Machado de Assis, para romance, da Academia Brasileira de Letras. Num episódio confuso, a comissão da Academia repartira o prêmio entre os dois gaúchos e mais Marques Rebelo ("Marafa") e Alphonsus Guimarães ("Totônio Pacheco").

Na série histórica, 1935 é o momento do movimento da Aliança Nacional Libertadora, levante também conhecido como "intentona comunista", já que tinha a maioria de seus membros ligada ao Partido Comunista do Brasil, fundado em 1918.

Ou seja, a literatura sul-rio-grandense e brasileira está em pleno desenvolvimento, no contexto daquilo que se convencionou chamar de "romance de 30". Ao contrário da maioria dos autores, contudo, Dyonélio e Erico farão um romance urbano, analisando, pois, já as conseqüências das grandes mudanças que haviam sido provocadas pela Revolução de 30. Se quisermos, mudanças que estavam ocorrendo e que haviam exigido o movimento revolucionário do início da década. Essas mudanças abriam um debate intenso entre diferentes

SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 49, p. 89-92, jul./dez. 2005.

ideologias, genericamente agrupáveis, num lado, no bloco conservador ligado à produção agrícola, sobretudo pecuária e cafeeira e, do outro, no bloco dos que buscavam uma abertura social, com espaço para os novos segmentos urbanos que surgiam, constituindo a burguesia e o proletariado.

Música ao longe é o registro, a exemplo de José Lins do Rego, José Américo de Almeida ou Jorge Amado, da decadência agrária. Mas, ao contrário daqueles, não é um romance nostálgico, nem apologista de alguma ideologia. O texto, ao contrário, aponta para um novo que surge a partir do contraste entre o passado e o presente, visto enquanto um coletivo indistinto - a família de Clarissa, os Albuquerque - e o presente, em luta com uma nova força do presente, os imigrantes italianos da família Gamba: enquanto uns se tornam miseráveis, os outros enriquecem ostensivamente. Entre eles, Clarissa e seu primo Vasco, ela aos 16 anos e ele aos 21 anos, perguntam-se a respeito do futuro.

Música ao longe é, além do mais, uma espécie de encruzilhada na literatura de Erico Veríssimo. Clarissa vinha do romance anterior. Vasco retornará em *Saga*. O tema de *Música ao longe*, que surgira num conto de *Fantoches* (é o conto "Malazarte"), vai ser aprofundado neste romance e será o pano de fundo da grande saga de *O tempo e o vento*: as transformações sociais por que passara o Rio Grande, ao longo de sua história de duzentos anos (se tomarmos o período de 1750 a 1950 como referência).

Daí o aspecto verdadeiramente escatológico que o romance assume, aliás próprio para uma perspectiva narrativa posta enfaticamente a partir do olhar de uma adolescente: o enredo desdobra-se entre março e setembro de 1934, de um outono a uma primavera. Ambas as estações, como se sabe, são de transição. Não por um acaso, contudo, Erico começa com aquela que antecede o inverno e termina com a que vem antes do verão: sua abordagem, embora crítica, não é pessimista. Ao contrário, e isso está bem claro não só na escolha do período escolhido quanto no batismo do livro: *Música ao longe* antecipa mudanças, novidades, coisas boas... e esta é a permanente expectativa de Clarissa. Só que, enquanto Clarissa espera, sem saber muito bem o quê, Vasco, o primo, busca esse novo: por isso, o rapaz só aguarda a morte da avó para iniciar uma grande viagem, o que acontecerá, aliás, em "Saga", quando ele se alista nos voluntários internacionais que vão tentar defender a república espanhola contra o golpe fascista de Francisco Franco.

Erico Veríssimo, fiel a seu programa antiideológico, não diz o que é o novo. Talvez até um pouco frustradamente para o leitor, especialmente se for também um jovem, ele suspende a ação antes da partida ou da solução de qualquer uma das duas personagens, ainda que Clarissa, do ponto de vista do leitor, tenha alguma vantagem: afinal, ela acaba de descobrir seu amor pelo primo.

Desenvolvendo uma complementaridade narrativa entre o estilo semidireto,

SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 49, p. 89-92, jul./dez. 2005.

em que um narrador onisciente acompanha as ações, ainda que sob a perspectiva privilegiada de Clarissa, e um estilo direto, através das páginas do diário da adolescente, é esta perspectiva adolescente, dividida, interrogatória, expectante, crítica, disponível, doadora, que caracteriza todo o romance. A empatia para com o leitor é imediata, e certamente esse foi um dos romances que mais ajudou o sucesso de público que logo, em termos nacionais, o escritor alcançaria, tornando-o um "contador de histórias". A simplicidade, a naturalidade do cotidiano narrado, aproxima personagens e leitores. Para isso, ajuda muito a estilística da presentificação, alcançada a partir das experiências, ainda relativamente recentes, do cinema, a que Erico Veríssimo se achava muito atento: o narrador faz como que movimentos de câmera (travelings), acompanhando as personagens, não apenas em seus deslocamentos, quanto em seus pensamentos.

Por outro lado, o apelo aos sentidos, especialmente os da visão (cores, formas, movimentos), da audição (o próprio título metafórico do romance, sendo a *música ao longe* esta coisa nova que se espera, mas que não se sabe bem o que seja) e o olfato (os perfumes das flores é uma constante), auxilia grandemente o leitor na concretização física do romance.

Alterando tipos e personagens, isto é, figuras simplórias, marcadas por tiques ou falas características, como Leocádio ou Jerônimo, com outras, cujos sentimentos contraditórios se modificam e se contradizem, como a própria Clarissa e Vasco, Erico Veríssimo constitui uma galeria viva, cuja verossimilhança aproxima o leitor ao romance: em tudo e por tudo, o escritor atende ao que, há mais de cinco séculos, Aristóteles já preconizara quanto às obras de ficção.

Flávio Loureiro Chaves, um dos principais estudiosos da obra de Erico Veríssimo, e que tem assinado outros prefácios aos romances do escritor sul-rio-grandense, chama a atenção para o contraste que aqui se desenvolve, entre a vida coletiva e social, digamos, e a vida individual. É sob essa perspectiva que escolhemos como título uma frase que traduz, da melhor maneira possível, a percepção de Clarissa sobre a vida: a percepção ou a vida, ou ambas, elas são contraditórias. Às vezes triste, às vezes alegre. Na verdade, cabe a cada ser humano decidir sobre ela e não se deixar arrastar pela torrente da história ou da ideologia. Porque a história, insiste Vasco, não tem uma só versão. Os grandes feitos coletivos escondem o sofrimento individual. Por trás de cada *herói* esconde-se eventualmente um *carrasco*. *Música ao longe* abriria com clareza essa perspectiva, defendendo o ser humano, acima de ideologias e de valores abstratos. Aliás, esse seria um princípio constante, eminentemente humanista, de todo o pensamento de Erico Veríssimo e que, por isso mesmo, transformá-lo-ia num de nossos mais importantes escritores do século XX.

Linha Pirajá, março de 2005